



Mário Rui Pacheco*

“Samos” gentes de rama miúda!

Vou começar pelo preço e pela qualidade da restauração nos Açores, particularmente em São Miguel. Talvez seja precisamente aqui que começa o primeiro erro da nossa argumentação.

Quando se pretende analisar uma realidade económica, não podemos deixar que as opiniões se sobreponham aos dados, nem que os preconceitos substituam uma análise objetiva e concreta.

O assunto é o turismo versus residentes. Vivemos numa região onde, demasiadas vezes, queremos tudo e, simultaneamente, não queremos nada. Queremos desenvolvimento, investimento, melhores salários e mais oportunidades, mas nem sempre estamos disponíveis para aceitar as mudanças e as consequências que acompanham esse crescimento.

São Miguel poderia ter muito mais. Contudo, persiste a ideia de que aquilo que existe numa ilha tem de existir, obrigatoriamente, nas restantes, de preferência em condições semelhantes. Mas será que desenvolver uma região significa replicar tudo em todo o lado? Ou será que precisamos de compreender as características, as oportunidades e as limitações de cada ilha?

Na restauração, o debate torna-se ainda mais evidente.

Quanto residentes frequentam efetivamente os restaurantes de gama alta? Quanto conhecem os preços, a qualidade dos produtos e a experiência que esses estabelecimentos proporcionam? Não tenho dados que sustentem uma percentagem concreta, mas é frequente observarmos uma crítica curiosa: um restaurante está cheio, há turistas à porta e, de imediato, surge a conclusão de que os preços são exagerados e de que a culpa é do empresário.

Mas será que o facto de um restaurante estar cheio significa que está a explorar alguém? Ou poderá significar que encontrou um público disposto a pagar pelo serviço, pela qualidade e pela experiência que oferece?

Passemos ao restaurante da esquina, aquele onde o prato do dia custava 7,50 € e agora custa 15 €.

Aqui, sim, há uma questão legítima: o que justifica esta subida de preços? Aumentaram os custos dos alimentos, da energia, das rendas e dos salários? Existe maior procura por parte dos turistas? Ou há outros fatores que explicam esta evolução?

É precisamente isto que devemos analisar, em vez de atribuir toda a responsabilidade ao turismo ou ao empresário.

O resultado é que corremos o risco de ficar sem uma coisa e sem outra: nem restauração de qualidade a preços acessíveis, nem uma oferta económica que continue a ser sustentável para quem investe e trabalha no setor.

Qual é, então, a solução?

A solução não passa por hostilizar quem nos visita, nem por condenar quem investe, cria empresas e assume riscos. Também não passa por ignorar as dificuldades dos residentes, que têm todo o direito de exigir melhores condições de vida e preços compatíveis com os seus rendimentos.

Passa, antes de mais, por reduzir a sazonalidade turística, criar condições para que a atividade económica funcione durante um período mais alargado do ano e promover uma oferta diversificada, capaz de responder a diferentes públicos e capacidades financeiras.

Passa por proporcionar uma boa hospitalidade a quem nos visita, criar condições para o aparecimento de novas empresas, melhorar a empregabilidade e garantir que o recrutamento, seja interno ou externo, acontece de forma regulada, digna e sustentável.

Passa também por acompanhar o mercado, fiscalizar quando necessário e implementar medidas de equilíbrio, sem destruir a iniciativa privada nem transformar o turismo num inimigo dos residentes.

O turismo não pode ser analisado apenas pelo número de visitantes, pelas dormidas ou pelas receitas geradas. Tem de ser avaliado também pelo impacto na vida das pessoas, nos salários, nos preços, na habitação, no emprego e na capacidade das empresas para criarem valor na economia regional.

O desenvolvimento sustentável dos Açores é, acima de tudo, um desafio económico e social. Exige investimento, planeamento, regulação e, sobretudo, uma mudança de mentalidades.

Precisamos de deixar de olhar para o turismo como se fosse uma disputa entre quem cá vive e quem nos visita.

Porque, no final, a verdadeira questão não é saber se queremos turistas ou residentes satisfeitos. É perceber se somos capazes de construir uma economia que beneficie ambos.

Talvez o nosso maior problema não seja aquilo que os outros têm ou aquilo que os outros pagam.

Talvez seja a dificuldade em aceitar que o desenvolvimento exige escolhas, responsabilidade e uma visão que ultrapasse os interesses imediatos.

Enquanto continuarmos a querer os benefícios do desenvolvimento sem aceitar as suas exigências, continuaremos a discutir os sintomas, sem resolver as causas.

* Empresário; Economista.

Associação de Karate dos Açores conquista dois pódios no Karate Open de Vila de Cascais

A Associação de Karate dos Açores (AKA) esteve representada, no passado Sábado, 24 de Outubro, no Karate Open de Vila de Cascais, realizado no Complexo Desportivo de Alcabideche. A competição reuniu cerca de 600 praticantes de vários pontos do país.

A comitiva açoriana, constituída por 11 atletas dos clubes das ilhas Terceira, Faial e São Miguel, alcançou resultados de destaque, com a conquista de dois terceiros lugares e mais três classificações entre o 5.º e o 7.º lugar.

Mariana Fernandes, do Clube de Karate-do Shotokan de Angra do Heroísmo (CKSAH), e Maria Gaspar, do Clube de Karate-do Shotokan da Horta (CKSH), estiveram em evidência ao conquistarem

o 3.º lugar na vertente de Kumite.

Também em destaque estiveram Carminho Laranjeira (CKSAH), que alcançou o 5.º lugar em Kata, e Gonçalo Melo, da Academia de Karate de Vila Franca do Campo (AKVFC), que terminou na 5.ª posição em Kumite. Ambos disputaram a eliminatória de acesso à medalha de bronze. Mariana Pires (CKSAH) alcançou o 7.º lugar em Kata, após iniciar a fase de repescagem.

A representação da AKA integrou Carminho Laranjeira, Duarte Rico, Henrique Silva, Joana Castro, Mariana Fernandes, Mariana Pires, Simone Resendes e Vitória Goulart, do CKSAH; Maria Gaspar e Núria Peixoto, do CKSH; e Gonçalo Melo, da AKVFC. Os atletas foram acompanhados



pelos treinadores André Garcia, Fernando Marques, João Castro e Luís Castro.

Esta participação constituiu uma importante oportunidade de avaliação do

trabalho desenvolvido e de preparação para o Campeonato Nacional de Cadetes, Juniores e Sub-21, agendado para os dias 7 e 8 de Novembro, em Albufeira.